

O PROCESSO DE MONOTONGAÇÃO DOS DITONGOS DECRESCENTES NO PORTUGÊS FALADO EM PELOTAS - RS

DAMACENO, Taiane Meirelles; RODRIGUES, Fabiane; PLAMER, Fernanda; MARTINS, William.¹ VIEIRA, Maria José Blaskovski²

¹Universidade Federal de Pelotas, Letras Habilitação Português e Francês e Respectivas Literaturas.

²Universidade Federal de Pelotas, Centro de Letras e Comunicação. Endereço eletrônico: blaskovskivi@yahoo.com.br

1 INTRODUÇÃO

O objetivo do presente trabalho é avaliar, à luz da teoria variacionista, o processo de monotongação dos ditongos decrescentes, no português falado na cidade de Pelotas – RS. Para tanto, precisamos compreender que a variação baseia-se na possibilidade de duas formas para a expressão de um mesmo conteúdo. Nesse sentido, avaliamos os fatores linguísticos e extralinguísticos que podem vir a reger esse processo de variação.

De modo geral, o que buscamos entender é quais são as situações que nos possibilitam, na fala, dizermos “*cadera*”, ao invés de *cadeira*, “*ropa*”, ao invés de *roupa*, e “*caxa*”, no lugar de *caixa*. A análise desse fenômeno vem sendo tema de diversos trabalhos na área dos estudos linguísticos, tais como as dissertações dos seguintes autores: Pereira (2004), Lopes (2002) e Cabreira (1996).

2 METODOLOGIA (MATERIAL E MÉTODOS)

O banco de dados utilizado para esta pesquisa foi o VarX, composto por amostras da linguagem oral dos habitantes de Pelotas e organizado pelo Prof. Dr. Luís Isaías Centeno do Amaral.

Através da análise de 12 entrevistas, distinguimos os seguintes fatores extralinguísticos, para a avaliação do processo de monotongação: o gênero, a faixa etária (de 16 a 25 anos e de 50 a 65 anos) e o tipo de atividade profissional (manual, técnica ou intelectual). Delimitou-se como variáveis linguísticas, a classe da palavra, o contexto precedente, isto é, o ponto de articulação do segmento anterior ao ditongo, o tipo de vogal do ditongo, o tipo de semivogal, o contexto posterior, ou seja, o ponto de articulação do segmento posterior ao ditongo, a tonicidade da sílaba em que está o ditongo e a posição do ditongo no vocábulo.

Os dados recolhidos foram codificados, de acordo com as variáveis supracitadas, e lançados no programa computacional de análise estatística de dados linguísticos, “GoldVarb”, que identificou as variáveis decisivas para o processo de monotongação.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

As variáveis selecionadas pelo programa são: o tipo de vogal, o contexto posterior, o tipo de semivogal e a posição do ditongo no vocábulo.

Passamos agora à interpretação dos resultados selecionados pelo programa GoldVarb.

3.1 O tipo de vogal

O tipo de vogal que forma o ditongo foi o primeiro fator selecionado pelo programa como relevante para o processo analisado. Esse fator também aparece como decisivo nos trabalhos tanto de Pereira (2004), como de Lopes (2002).

Tabela 1 – Tipo de vogal

| Fatores | Aplicação/Número total | Porcentagem (%) | Peso relativo |
|--------------|------------------------|-----------------|---------------|
| /o/ | 115/136 | 85% | 0.80 |
| /e/ | 85/203 | 42% | 0.32 |
| /a/ | 3/11 | 27% | 0.02 |
| Total | 203/350 | 58% | |

Input:0.59

Significância: 0.001

Percebeu-se, através da análise dos resultados desse fator, que o ditongo formado pela vogal /o/ mais a semivogal /w/, como em *roupa*, *touca*, *falou*, é muito mais favorável à monotongação. De 136 casos, em 115 houve o apagamento da semivogal.

Viu-se, também, que os ditongos formados pela vogal /e/ são muito mais frequentes, tendo havido 203 aparições. Entretanto, seu processo de monotongação é mais restrito, sendo que o apagamento de /y/ deu-se somente em 85 palavras.

Já o ditongo /ay/ é o menos frequente. Houve somente 11 aparições e seu processo de monotongação é o mais restrito, somente três apagamentos foram encontrados na análise dos dados.

3.2 O Contexto posterior

Assim como nas dissertações estudadas, o contexto posterior mostrou-se determinante tanto para o processo de monotongação, quanto para a preservação da semivogal.

Tabela 2 – Contexto Posterior

| Fatores | Aplicação/Número total | Porcentagem (%) | Peso relativo |
|---|------------------------|-----------------|---------------|
| Alveolares, palatais, velares e uvulares | 107/125 | 86% | 0.83 |
| Sem contexto posterior | 83/191 | 44% | 0.33 |
| Bilabiais, labiodentais e linguodentais | 13/34 | 39% | 0.11 |
| Total | 203/350 | 58% | |

Input:0.59

Significância: 0.001

O grupo das alveolares, palatais, velares e uvulares mostrou-se como o mais favorecedor à monotongação, pois de 125 aparições desse contexto, em 107 houve o apagamento.

Entendeu-se, no entanto, que, dependendo do tipo de ditongo, há um contexto posterior que pode ter um peso maior ou menor no processo de apagamento da semivogal.

O grupo de consoantes alveolares, principalmente o /r/, é um contexto favorecedor para os ditongos /ey/ e /ow/. Exemplos: *cadeira* ~ *cadere* e *ouro* ~ *oro*.

As palatais /j/ e /ʒ/, principalmente /j/, mostraram-se muito favoráveis ao apagamento da semivogal. O contexto posterior /j/ revelou-se favorecedor no processo de monotongação com os três ditongos, exemplos “*baxa*”, “*dexo*” e “*froxoxo*”.

O contexto posterior /3/ foi o mais presente junto ao ditongo /ey/ e mostrou-se muito favorecedor para o apagamento da semivogal /y/ que forma esse ditongo, exemplos: “bejo”, “quejo” e “feição”.

As velares, principalmente o /k/, apresentaram-se como favorecedoras ao apagamento da semivogal somente no ditongo /ow/, como em “roco”, “loco” e “poco”. Para o ditongo /ay/, a velar /k/ apresentou-se como desfavorecedora do apagamento, exemplo: *laico*.

O grupo sem contexto posterior foi extremamente favorecedor para a monotongação do ditongo /ow/, pois em todos os verbos de 1ª conjugação, conjugados na 3ª pessoa do singular, no pretérito perfeito do indicativo, houve o apagamento da semivogal. Exemplos: “*ele notô*”, “*ela pegô*” e “*ele cantô*”.

As labiais /p/ e /b/ favoreceram o apagamento de /w/, exemplos: “*rôbo*”, “*popança*” e “*ropa*”. As linguodentais /t/ e /d/ desfavoreceram a monotongação do ditongo /ey/, exemplos: *leite* e *feito*. Todavia, para o ditongo /ow/, /t/ e /d/ não foram tidas como desfavorecedoras ao apagamento da semivogal, exemplos: “*dotor*” e “*otro*”.

As labiodentais /f/ e /v/ apresentaram-se como desfavorecedoras do apagamento da semivogal, nos ditongos /ey/ e /ay/, exemplos: *seiva* e *raiva*. Já, para o ditongo /ow/, elas não agiram da mesma forma, exemplos: “*ovido*” e “*hove*”.

3.3 Tipo de Semivogal

O terceiro fator selecionado pelo programa foi o tipo de semivogal. Esse fator também mostrou-se relevante nos trabalhos de Pereira (2004) e de Lopes (2002).

Tabela 3 – Tipo de Semivogal

| Fatores | Aplicação/Número total | Porcentagem (%) | Peso relativo |
|--------------|------------------------|-----------------|---------------|
| W | 115/142 | 81% | 0.88 |
| Y | 88/208 | 43% | 0.20 |
| Total | 203/350 | 58% | |

Input:0.59

Significância: 0.001

Nas 142 aparições da semivogal /w/, 115 foram os casos de seu apagamento, comprovando assim que o processo de monotongação em ditongos /ow/ é muito mais geral. Já para o processo em /ey/, há uma série maior de restrições, o que faz com que a manutenção e a redução do ditongo estejam mais equilibradas. Em relação ao ditongo /ay/, notamos que o apagamento de /y/ é limitado somente aos casos nos quais o contexto posterior é uma palatal /j/.

3.4 Posição do ditongo no vocábulo

O último fator determinado pelo programa foi a posição do ditongo no vocábulo.

Tabela 4 – Posição do ditongo no vocábulo

| Fatores | Aplicação/Número total | Porcentagem (%) | Peso relativo |
|----------------|------------------------|-----------------|---------------|
| Medial | 117/151 | 78% | 0.86 |
| Final | 82/190 | 43% | 0.20 |
| Inicial | 4/9 | 45% | 0.23 |
| Total | 203/350 | 58% | |

Input:0.59

Significância: 0.001

Pela análise desse fator, percebeu-se que, no interior da palavra, as chances de apagamento da semivogal são mais frequentes. Notou-se, também, que

a posição final apresenta-se como favorecedora da monotongação de /ow/ (“eu sô” e “ele comprô”), mas desfavorecedora para a monotongação de /ey/ (falei, gritei).

Como já mostrado anteriormente, a redução de /ow/ para /o/ é quase categórica, na conjugação dos verbos da 1ª conjugação, na 3ª pessoa do singular, no pretérito perfeito do indicativo. Isso é possível, pois o apagamento da semivogal não faz emergir uma forma verbal diferente da do pretérito, já que há a preservação do local da sílaba tônica, o que não permite confundi-la com o presente. No caso do ditongo /ey/, o apagamento nunca ocorre e interpreta-se que esse fato tenha a ver com a informação morfológica.

A posição inicial não pôde ser interpretada como desfavorecedora do processo de monotongação, pois há exemplos da ocorrência do fenômeno em posição inicial: “ovido” e “otro”. Depreendeu-se, então, que, no corpus analisado, o número de palavras com ditongo inicial foi muito pequeno e isso pode ser um fato geral da língua portuguesa.

4 CONCLUSÃO

Concluimos que o processo de monotongação é um fenômeno que acontece devido a uma simplificação da sílaba, visto que o padrão silábico do português é o CV (consoante – vogal). Em relação à forte ação das palatais no processo analisado, podemos dizer, com base em Bisol (1994), que os ditongos existentes diante de /j/ e /ʒ/ são falsos ditongos, que surgem por espraiamento do traço [+alto] que esses sons possuem. Como são falsos, ou seja, fonéticos, o seu apagamento não acarreta alteração de significado.

A partir da pesquisa apresentada, constatou-se que a monotongação é um processo que não é estratificado socialmente, isto é, todos os falantes independentemente de classe social, idade ou gênero, fazem-no, sem que a expressão desse fenômeno resulte em uma forma estigmatizada socialmente. O processo analisado mostrou-se muito corrente em nossa língua e sua atuação no ditongo /ow/ pode ser considerada como indicativo de uma mudança linguística em andamento.

5 REFERÊNCIAS

- BISOL, Leda. Ditongos derivados. In: **D.E.L.T.A.** VOL. 10, No. Especial, 1994 (123-140).
- CABREIRA, Sílvio Henrique. **A monotongação dos ditongos orais decrescentes em Curitiba, Florianópolis e Porto Alegre.** Dissertação de Mestrado em Letras - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre/RS, 1996.
- LOPES, Raquel. **A realização variável dos ditongos /ow/ e /ej/ no português falado em Altamira/PA.** Dissertação de Mestrado em Linguística - Universidade Federal do Pará, Altamira/PA, março de 2002.
- MOLLICA, M.C.; BRAGA, M.L. (org.) **Introdução à Sociolinguística – o tratamento da variação.** São Paulo: Contexto, 2003.
- PEREIRA, Gerusa. **Monotongação dos ditongos /aj/, /ej/, /ow/ no português falado em Tubarão/SC.** Dissertação de Mestrado em Ciências da Linguagem - Universidade do Sul de Santa Catarina, Tubarão/SC, 1º de outubro de 2004.
- TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística.** 5ª Ed. São Paulo: Ática, 1997.